

Roland Goetschel, *Cabala*. Tradução de Myriam Campello. Porto Alegre, L& PM, 2009, 130 pp., ISBN 9788525418708.

Pedro Paulo A. Funari¹

Roland Goetschel é autor do clássico sobre a Cabala espanhola *Meir ibn Gabbay, Le discours de La Kabbale espagnole* (1981). Neste pequeno volume, apresenta um quadro amplo e variado do misticismo judaico, desde suas origens, em um percurso agradável e proveitoso tanto para especialistas como para o público mais amplo. Goetschel começa por lembrar que o termo hebraico *qabbalah*, “tradição”, foi utilizado para definir a mística e as tradições esotéricas do judaísmo. A expressão, contudo, só adquiriu conotações esotéricas no século XII na Provença, embora, posteriormente, a cabala tenha sido usada para definir a mística judaica, de forma retroativa, desde os períodos mais recuados. O que define esse esoterismo é sua transmissão a um pequeno número de iniciados e por tratar dos temas mais recônditos e essenciais.

A mística judaica na Antiguidade liga-se à apocalíptica, literatura de protesto redigida por oprimidos, desde o século II a.C., com o Livro de Daniel (*circa* 165 a.C.), até o século II d.C. Essa literatura visava a mostrar que os impérios só têm um tempo, pois o reino divino será logo instaurado. A descoberta dos manuscritos do Mar Morto permitiu um progresso considerável no conhecimento do judaísmo da época helenística, em especial quanto à mística. A mística da época rabínica, como atesta a Mishnah,

¹ Professor Titular do Departamento de História da Unicamp.

mostra a continuidade dessas tradições esotéricas. Um passo de Orígenes relata que o Cântico dos Cânticos só podia ser estudado pelos judeus ao final do seu ciclo escolar, ao lado de outros textos esotéricos e escatológicos. Sua leitura era, portanto, alegórica do amor entre o Santo Bentido Seja e a Comunidade de Israel. Em seguida, nos séculos III e IV, surgiu a literatura dos palácios divinos ou *heykhalot*, um equivalente judaico aos papiros mágicos gregos. A mística do carro divino ou *merkabah* ligava-se ao gnosticismo. O tema da viagem celeste presente nos gnósticos, na apocalíptica judaica e na *merkabah* estava já presente na religião persa e no xamanismo.

A mística judaica da época das excelências, ou *geonim* (640-1048), reitores das academias da Babilônia, em Sura e Pumbedita, estendeu-se a toda a diáspora judaica sob domínio muçulmano. Esse período foi marcado pela redação e difusão de obras teúrgicas e mágicas, na esteira dos antigos papiros mágicos. A cultura árabo-islâmica teve um papel considerável na mística judaica, em especial por meio do sufismo, movimento místico por excelência (*suf*, em árabe, significa místico). As comunidades judaicas em terras germânicas viram desenvolver-se um pietismo asquenaze, a partir do hassidismo renano, desde meados do século XII. Separa-se o Deus escondido e criador, *bore*, da potência divina que se manifesta aos profetas, a glória ou *kabod*. As imagens usadas provêm, em parte, do neoplatonismo.

O movimento cabalista, propriamente dito, inicia-se em meados do século XII, a partir da Provença e do Languedoc e daí para a Península Ibérica. O Livro da Claridade, ou *Sefer ha-Bahir*, é o primeiro documento da cabala teosófica, compilado na Provença entre 1150 e 1200. A exegese mística dos versículos da Escritura ou de passagens agádicas generaliza-se, assim como a doutrina da transmigração das almas. Com Isaque

o cego (1165-1235) aparece pela primeira vez o termo *en sof*, o sem-fim, que designa a zona do divino situada além de toda contemplação, a deidade escondida e desconhecida. Nascida na Provença e no Lanquedoc, a cabala terá grande difusão na Península Ibérica, a partir de Aragão, onde se falava o mesmo idioma catalão. Em Gerona juntou-se a cabala gnóstica e contemplativa vinda da Provença e o pensamento judaico da tradição greco-árabe. É na Catalunha que se realizou a síntese entre o Deus de Plotino e o da Bíblia.

A maior figura da cabala extática no século XIII foi Abraham Abulafia (1240-1292), de Saragoça. Desta época data o Livro do Esplendor, ou *sefer ha zohar*, com comentários da Escritura no estilo do *midrash* rabínico. Esses escritos, atribuídos a Moisés de León (1240-1305), remetem a um cenáculo místico em Castela. O século XIV representa um período fecundo na história da cabala ibérica. A partir de fins do século, com resultado da deterioração da condição dos judeus nos reinos ibéricos, não haverá mais obras relevantes, apesar da atividade de numerosos cabalistas.

A mística judaica medieval surgiu, ao lado da filosofia, como uma das grandes tentativas do judaísmo no exílio de ler as Escrituras e os comentários rabínicos. Os cabalistas distinguiram três partes da alma: uma corpórea (*nefesh*), princípio da vitalidade (*hiyyut*); o espírito ou sopro (*ruah*) de todo ser humano; e a alma superior (*neshamah*), resultado do estudo da Torá e dos preceitos judaicos. Os cabalistas aceitaram do meio cristão os quatro sentidos da Escritura: literal (*peshat*), alegórico (*remez*), homilético (*derash*) e místico (*sod*).

A literatura cabalística resultante da expulsão dos judeus da Península Ibérica, em fins do século XV liga-se à difusão da cabala pelos exilados por todo o

Mediterrâneo. Já em 1539, a partir de Safed, na Galiléia, difunde-se a cabala de origem espanhola ou sefardita. Isaque Luria Ashkenaze (1534-1572), nascido em Jerusalém, educado no Egito, morto em Safed, fundou um círculo místico centrado numa leitura estrutural das destruições como parte de um processo de purificação. O encargo messiânico da cabala provocaria conseqüências, com o desenvolvimento do maior movimento messiânico desde a queda do Templo, o de Sabbatai Zewi (1626-1676), com a heresia sabbataísta, desde 1666. Já no Ocidente, a emancipação dos judeus levou a um distanciamento das comunidades judaicas da cabala, em direção ao iluminismo (*haskalah*). O desprezo pela cabala foi apenas rompido, em época recente, por Gershom Scholem (1897-1982), quando inaugurou a cátedra de Mística Judaica na Universidade Hebraica de Jerusalém, em 1925.

Goetschel mostra, de forma clara e elegante, tanto os conceitos e práticas esotéricas judaicas, como as relaciona aos momentos e circunstâncias históricas concretas. Demonstra como o misticismo judaico sempre esteve em interação. Na antiguidade, gregos, mesopotâmicos e persas foram fundamentais para que o esoterismo judaico adquirisse feições próprias, mas à luz da sua releitura das concepções e práticas de outros povos. Em seguida, foram fundamentais os influxo islâmicos, mas também toda a tradição filosófica e mágica grega e romana, sem desconsiderar os aportes cristãos. Em todos os casos, contudo, a originalidade judaica não deixou de sobressair. A partir da época moderna, a cabalística inspirou, por sua parte, de forma variada, pensadores e místicos de outras convicções religiosas. Por outra parte, Goetschel relaciona o misticismo judaico à condição política dos judeus, desde o período helenístico, submetidos, primeiro na própria Judéia, e depois, no exílio, ao arbítrio forâneo. Essa condição de privação levou ao desenvolvimento de leituras simbólicas do

universo que dessem conta das privações e mesmo perseguições sofridas pelos judeus. A cabala mostra a importância da religiosidade mística para a comunidade judaica e, em termos mais amplos, demonstra como o misticismo pode revelar-se essencial para compreender as sociedades humanas.